

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 06.02.77

Pg.: \_\_\_\_\_

**Chefe xavante pede à Funai para demarcar terra e evitar desaparecimento dos índios**

<sup>JB 6.2.77</sup>  
Brasília — Os Xavantes da Aldeia de Couto Magalhães, em Mato Grosso, estão com medo de perder suas terras e não ter mais onde plantar seus roçados. O chefe da aldeia, índio Joãozinho Tehidzatsé, por carta, advertiu a Funai sobre o problema, afirmando que "se a Fundação não demarcar as terras pertencentes aos Xavantes, dentro de 10 anos não haverá mais índios na região".

Enquanto isso, o presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira não gostou e refutou as declarações feitas pelo presidente do Conselho Indigenista Missionário em relatório à CNBB, afirmando que elas não passam de uma autodefesa do órgão. E o Arcebispo de Porto Alegre, D Vicente Scherer, em carta ao Grão-Mestre da Maçonaria, admitiu a possibilidade de contrabandistas e exploradores estarem atuando sob a capa missionária.

**A LUTA**

A grande luta dos Xavantes de Couto Magalhães é pelo domínio das suas terras, que há muito vem sendo invadida pelos brancos. Segundo Joãozinho Tehidzatsé, os índios querem começar a plantar café, além do arroz, feijão e milho que já são comercializados para as cidades vizinhas, mas enquanto a Funai não demarcar as terras, eles nada podem fazer.

"Nós estamos querendo mudar para a Fazenda Xavantina (encravada dentro da Aldeia) mas o chefe do Posto disse para a gente esperar que a reserva saia primeiro. Os nossos amigos estão morrendo de vontade de mudar depressa para as matas porque neste cerrado de areia não adianta plantar".

Para o General Ismarth, o problema da criação da reserva dos Xavantes de Couto Magalhães está sendo estudado pela Procuradoria Jurídica, pois as terras foram demarcadas anos atrás por Decreto Presidencial, e agora somente o Presidente da República poderá revogá-lo.

Explicou ainda que a Funai não pode simplesmente transferir os índios para as terras da Fazenda Xavantina. "Estamos tentando fazer um acordo com os proprietários para que o problema não caia nas mãos da Justiça, onde a questão se arrastaria por muito tempo."

No entanto, o chefe indígena Joãozinho quer que o assunto seja resolvido antes do início de abril, época propícia para o plantio.